

# O que quer o homem? Uma reflexão sobre o masculino no mundo contemporâneo

Gley P. Costa<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo tem como meta questionar a ideia de uma suposta superioridade masculina concebida pela teoria freudiana da sexualidade, mediante a evidência, proporcionada pela clínica, de fantasias que os homens se sentem compelidos pela cultura a ocultarem. Essas fantasias, além de confirmarem o polimorfismo da sexualidade infantil, revelam que, assim como as mulheres invejam as capacidades masculinas e gostariam de ocupar o seu lugar, igualmente os homens invejam as capacidades femininas e também gostariam de ocupar o seu lugar. Atualmente, a questão principal já não é mais a diferença, mas a alteridade nas relações sexuais e amorosas.

**Palavras-chave:** Binômio masculino-feminino. Fantasias sexuais masculinas. Mundo contemporâneo. Teoria freudiana da sexualidade.

*O desvio não é uma propriedade inerente a certas formas de comportamento; é a propriedade conferida a essas formas pela plateia que direta ou indiretamente as assiste.*

(Erikson, 1964, pp. 10-11)

*A bissexualidade psíquica é nosso quinhão comum e deriva, de forma complexa e inconsciente (mesclando o desejo e a identificação), da intensidade dos primeiros amores, no duplo sentido do amor dos pais pela criança e do amor dela pelos objetos dos dois sexos que lhe são próximos.*

(André, 2019, p. 11)

---

<sup>1</sup> Membro fundador, titular e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre. Professor da Fundação Universitária Mário Martins.

De acordo com Gay (1988/1989), Freud, em 1928, confidenciou a Ernest Jones que tudo o que a psicanálise sabia do desenvolvimento inicial feminino parecia-lhe insatisfatório e incerto. Ou seja, a “vida sexual da mulher adulta” intrigava e confundia o pai da psicanálise. De acordo com o autor, na mesma época, Freud confessou a Marie Bonaparte que a grande pergunta à qual nunca pôde responder, apesar dos seus 30 anos de estudo da alma feminina, era “O que quer a mulher?”. Na verdade, Freud sempre deixou claro que conhecia menos a vida sexual da menina do que a do menino, o que o levou a desenvolver sua teoria da sexualidade condizente com uma hipotética primazia fálica, conferindo ao homem uma superioridade invejada pela mulher. Aparentemente, essa suposta superioridade anatômica tem sustentado a dominação masculina observada na cultura ocidental, antes e depois de Freud, a propósito da qual assim se manifestou o sociólogo Pierre Bourdieu (1998/1999):

Jamais deixei de me espantar diante do que poderíamos chamar de o paradoxo da dóxa: o fato de que a ordem do mundo, tal como está, com seus sentidos únicos, em sentido próprio ou figurado, suas obrigações e suas sanções, seja grosso modo respeitada, que não haja um maior número de transgressões ou subversões, delitos e “loucuras” ou, o que é ainda mais surpreendente, que a ordem estabelecida, com suas relações de dominação, seus direitos e suas imunidades, seus privilégios e suas injustiças, perpetue-se apesar de tudo tão facilmente, e que condições de existência das mais intoleráveis possam permanentemente ser vistas como aceitáveis ou até mesmo como naturais. (p. 7)

Nas palavras de Fogel (1986/1989):

a visão de Freud foi limitada, parcialmente pelas perspectivas e valores seus e de sua cultura, mas também, primordialmente, porque ainda não se achavam disponíveis conhecimentos que posteriormente se acrescentariam aos antigos, corrigindo-os, alterando-os ou substituindo-os. (p. 15)

Além disso, lembra Liebert (1986/1989) que

estudos recentes das variações nos níveis pré-natais de hormônios andrógenos e o efeito delas sobre o hipotálamo chamaram a atenção para estados fisiológicos que, sobre certas condições potenciadoras sociais de infância, podem contribuir para o resultado da preferência sexual em determinado grupo de homossexuais. (p. 163)

Atualmente, da mesma forma que não podemos subestimar a importância das identificações, do conflito e dos sintomas nas manifestações da sexualidade dos indivíduos, para além das homo e heterossexualidades, tanto quanto das vicissitudes do difícil processo de separação-individação, ainda precisamos levar

em consideração os avanços da epigenética que, nos últimos anos, têm ampliado o conhecimento sobre esse importante campo das relações humanas.

De acordo com esses avanços, em que se destaca o fenômeno da metilação com a formação de epimarcas ancoradas junto aos genes responsáveis pela sensibilidade à testosterona, capazes de masculinizar o cérebro de meninas ou afeminar o de meninos, a antiga visão do sexo como um binário condicionado pelos cromossomas XX ou XY passa a ser questionada, como adverte Varella (2015). Realmente, existem evidências científicas mostrando que hábitos da vida e o ambiente social em que o indivíduo se encontra inserido podem modificar o funcionamento de seus genes, e investiga-se atualmente o caráter hereditário dessas modificações. Moshe Szyf, um pioneiro no campo da epigenética, estuda a possibilidade de os seres vivos reprogramarem seu genoma em resposta a fatores sociais como estresse e falta de comida. Suas pesquisas indicam que os sinais bioquímicos transmitidos das mães para os filhos informam à criança em que tipo de mundo eles vão viver, mudando a expressão dos genes. “O DNA não é apenas uma sequência de letras” – diz Szyf, “o DNA é um filme dinâmico em que nossas experiências estão sendo escritas!” (Szyf, 2016). Por conta disso, segundo muitos autores atuais, a sexualidade e o gênero, necessariamente, devem ser enfocados mediante a combinação de diversas disciplinas. Nessa linha, pode-se ainda perguntar se não caberia recorreremos, como sugere Alizade (1998), ao conceito de “pensamento complexo”, de Morin, o qual nos permite concluir que “a unificação e a homogeneização são ilusões que excluem o respeito pelas diversidades e pelas heterogeneidades” (Morin, Motta, & Ciurana, 1990/1996, p. 63).

Não obstante, é com Freud que

a sexualidade se afasta do mero viés da união das células genesíacas como fim e se converte, aliada aos conceitos de pulsão e de objeto, em uma manifestação da vida anímica dos sujeitos que está presente em todas as instâncias do desenvolvimento. Já não se trata somente de uma dimensão bio-filogenética que aponta a conservação da espécie como instinto natural. Freud desconstrói qualquer relação de conaturalidade entre o sexo, a pulsão e a escolha de objeto, sendo o objeto da pulsão bastante variável e não existindo nenhum tipo de solda entre ele e a libido. Por isso, podemos dizer que Freud foi o primeiro a propor uma necessária desvinculação entre sexo, gênero e sexualidade. (Daquino, 2016, pp. 63-64)

Esse posicionamento de Freud, em suas várias idas e vindas sobre a sexualidade, nos 30 artigos que escreveu sobre o tema, numa referência ao complexo de Édipo sempre positivo e negativo, ou seja, completo, faz-se mais firme quando, em *O ego e o id* (1923/1976b), refere:

Isso equivale a dizer que o menino não tem simplesmente uma atitude ambivalente para com o pai e uma escolha objetal afetuosa pela mãe, mas que, ao mesmo tempo, também se comporta como uma menina e apresenta uma atitude afetuosa feminina para com o pai e um ciúme e uma hostilidade correspondentes em relação à mãe. (pp. 47-48)

No entanto, precisamos reconhecer que, nos amplos limites de sua maravilhosa concepção da bissexualidade inata e do polimorfismo da sexualidade infantil, Freud, como diz Alizade (1994), alijou ambos os sexos do terreno da feminilidade: os homens por rechaço, as mulheres por alienação invejosa do pênis. Ao mesmo tempo, subestimou uma parte importante das fantasias “femininas” por parte do sexo masculino. Fantasias que, diga-se de passagem, sempre foram desmentidas pelos homens, mas que são da maior importância para a construção da subjetividade sexuada tanto masculina quanto feminina. Na verdade, são dois grupos de fantasias, como descrito na sequência.

O primeiro grupo relaciona-se à inveja, sentimento universal, segundo Klein (1957), que o homem sente da mulher. Uma verdadeira “inveja da vagina”, mas que, no imaginário masculino é muito mais: é o desejo de ser uma mulher em sua plenitude. Na verdade, o desejo do menino de gerar bebês e cuidar deles, provavelmente, seja universal, conforme se depreende dos trabalhos de Jacobson (1950), Klein (1957), Van Der Leeuw (1958/1966), Ross (1975, 1977) e McDougall (1999). Na mesma linha, o menino também fantasia ser a mulher do seu pai e obter dele todas as vantagens que ele supõe que o pai proporciona à mãe. O anseio de ocupar o lugar da mulher do pai pode ser transferido ao pai da esposa, transformado em “Sua majestade, o sogro” (Costa, 2006a, 2006b; Costa & Katz, 1983).

O outro grupo de fantasias se relaciona com os medos que o homem sente diante de uma mulher pela importância e os poderes da mãe para a criança, de ambos os sexos, nas primeiras semanas, meses e anos de vida. Esses medos são, basicamente, três: o primeiro é *perder a identidade*; o segundo é *perder o objeto de amor*; e o terceiro é *perder a existência*. Muitas das brincadeiras habituais das mães com os seus bebês funcionam como uma forma de elaboração precoce desses temores (Costa, 2019a).

Estaria uma maior consciência do sentido dessas defesas gerando uma desordem do masculino? Nessa linha, questiona Alizade (1998, p. 26): “Desvalidada a gesta heroica dos varões e tendo os papéis de gênero perdido suas delimitações seculares, estariam os homens sentindo-se desconcertados?”. Relacionado com esse desconcerto, temos assistido a um movimento, denominado PAPO DE HOMEM, cujo objetivo é dotar os indivíduos do sexo masculino de sentimentos

equiparáveis aos das mulheres através de um trabalho em grupos existentes em vários países, inclusive no Brasil, invalidando imperativos do tipo “Homem não chora”, “Homem tem que ser forte”, “Homem não demonstra sentimentos nem fraquezas” e outros tantos oriundos de uma tradição inspirada no *pater familie* do Direito Romano, do qual resultou o modelo do nosso conhecido “pai/marido provedor”, bastante enfraquecido nos dias atuais em que as mulheres contribuem com a sua força de trabalho para o sustento da família.

Essa mudança, devemos observar, interfere diretamente no papel do homem não somente dentro da família, em particular como pai, mas também na sociedade e, principalmente, no mercado de trabalho. Aproveitando o título de um recente livro de Jacques André (2019), diríamos que esta é uma das “desordens” da vida atual: os homens encontram-se perdidos em seu papel.

Em boa medida, uma das razões dessa “desordem” remonta ao dia 18 de agosto de 1960, quando foi lançado no mercado dos Estados Unidos o *Enovid-10*, o primeiro contraceptivo oral. A “pílula”, como são chamados todos anticoncepcionais sintetizados até hoje, juntamente com a difusão dos conhecimentos psicanalíticos e os avanços da ciência, descolaram a sexualidade da reprodução, vinculando o sexo ao prazer, e não mais à missão cristã de procriar. Com isso, a relação sexual homem-mulher deixou de ser “natural”, como se considerava no passado, mas ligada ao desejo, à fantasia.

E, mais do que isso, a relação sexual passa a estar relacionada à fantasia incestuosa, tendo em vista que toda fantasia sexual, seja hetero, homo ou bissexual, tem uma fonte comum e original que é a relação dos pais da infância, que pode ser traumática ou inspiradora, mas que estará inevitavelmente presente sempre que o desejo sexual for despertado no indivíduo adulto. Com isso, procuramos acentuar que a chamada “cena primária”, envolve sempre e inevitavelmente três personagens: o pai, a mãe e a criança, o terceiro criativo, inventivo, fantasioso do relacionamento sexual dos pais. A consequência é que todo relacionamento de conotação sexual tem sempre e inevitavelmente um “terceiro”, senão na fantasia, na realidade.

Na relação conjugal, esse terceiro, quando real, pode estar fora (os e as amantes), ou dentro: casais que se relacionam sexualmente de forma eventual ou permanente com outra pessoa, em alguns casos um homem e outros, uma mulher. Essa pessoa com a qual o casal se relaciona de forma velada ou explícita, diríamos que cada vez mais explícita, é o representante do terceiro fantasioso e buscador de prazer da cena primária. É ele, esse terceiro, que não cultua a relação sexual nos moldes da moral judaico-cristã, mas a profana nos moldes da sexualidade infantil que implica todas as identificações e todos os prazeres possíveis na relação sexual imaginária dos pais fechados em seu quarto. Possuir

sexualmente a mãe como faz o pai ou ser possuído sexualmente pelo pai como faz a mãe, não implica uma diferença essencial para quem aspira o máximo de prazer e ainda não se vê confrontado com as normas sociais e a “natureza” da relação heterossexual.

Em *Análise terminável e interminável* (1937/1975), Freud acentuou a disponibilidade potencial do ser humano para a homossexualidade, via bissexualidade inata, ao dizer que

é bem sabido que em todos os tempos houve, como ainda há, pessoas que podem tomar como objetos sexuais membros do seu próprio sexo, bem como do sexo oposto, sem que uma das inclinações interfira na outra. Contanto que cada indivíduo só possui à sua disposição uma certa cota de libido, pela qual as duas inclinações rivais têm de lutar, não está claro porque as rivais nem sempre dividem a cota disponível de libido entre si, de acordo com a sua força relativa, já que assim podem fazer em certo número de casos. (pp. 277-278)

Reportando-se a essa passagem da obra de Freud, escreve Jacques André (2019):

Toda posição sexual exibida é uma comédia que deixa nos bastidores aquilo do que ela preza tanto em se distinguir. Se, de todas essas posições, a heterossexualidade é a mais cômica, é porque ignora ser apenas uma posição dentre outras e se toma pela norma. (p. 109)

A necessidade do homem de sustentar a sua virilidade não refletiria justamente a fragilidade da heterossexualidade normativa, fruto de um construto cultural?

Robert Stoller (1968/1974) nos fala de um esforço do homem para suplantar suas características femininas resultantes da primitiva identificação com a mãe, configurando uma “protofeminilidade”. Segundo esse autor, trata-se de uma tarefa muitas vezes inacabada, se julgarmos pela quantidade de efeminação ou de hipermasculinidade forçada que observamos, por exemplo, no machismo.

Perguntamos: tendo em vista a almejada “plasticidade psíquica”, não seria a bissexualidade o caminho natural da sexualidade, tanto masculina quanto feminina?

Com foco nessa questão, no capítulo sobre diversidade escrito para o livro recentemente lançado nos Estados Unidos intitulado *Psychoanalysis, law and society* (Costa, 2019b), editado por Montagna e Harris, questionamos se a demanda de cirurgia de mudança de sexo em muitos casos não seria uma forma de subverter a bissexualidade em nome de uma linearidade imposta culturalmente.

Como reflexo do desalinhamento entre vidas psíquicas e comportamentos sexuais, muitos homens e mulheres hoje, mais do que num passado recente,

têm relações sexuais com parceiros dos dois sexos. Dessa forma, somos levados a enfrentar a dúvida se a neurose, ou seja, a repressão não estaria mais do lado da heterossexualidade do que da bissexualidade. Com essa colocação, colocamos diante do risco de afrontar as rígidas normas impostas pela cultura e os imutáveis conceitos psicanalíticos e de ser acusados de desconhecimento da teoria freudiana. No entanto, é o próprio Freud, quase 100 anos atrás, em *As consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos* (1925/1976c), que ponderou que

todos os indivíduos humanos, em resultado de sua disposição bissexual e da herança cruzada, combinam em si características tanto masculinas quanto femininas, de maneira que a masculinidade e a feminilidade puras permanecem sendo construções teóricas de conteúdo incerto. (p. 320)

Será que teríamos que concluir que a sexualidade, principalmente a masculina, mais do que nunca, está de fato em desordem? Essa realidade é para ser lamentada ou festejada?

Segundo Fogel (1986/1989), como psicanalistas, devemos estar comprometidos com o propósito de não voltar as costas a verdades duras, por serem impopulares ou não se acharem de acordo com as tendências humanísticas ou outras tendências dignas de respeito da comunidade cultural ou científica. Em outras palavras, não permitir que juízos morais e ideológicos se apropriem da nossa mente, propondo-nos uma tolerância respeitosa pela ambiguidade, pela contradição e até mesmo pela confusão e dispondo-nos a abranger e tentar integrar uma ampla gama de perspectivas.

Sabemos muito bem que um sintoma não fala por si mesmo, ele necessita ser historicizado. Com as teorias não é diferente. Precisamos considerar que elas são formuladas em um contexto cultural, científico e de experiências pessoais que lhe conferem legitimidade. Com Freud não foi diferente, revelando sua grande capacidade de conceber suas teorias sobre a sexualidade humana no ambiente sociocultural de sua época: uma Viena imperial com costumes burgueses e patriarcais que defendia a preservação de um “ideal feminino”, responsável por suas inevitáveis contradições, como constatamos na carta que enviou, em 15 de novembro de 1883, a Martha, sua noiva, sustentando que “o cuidado da casa e da educação dos filhos impedem a mulher de exercer qualquer profissão” (Freud, 1963/1984, p. 32).

Nessas construções teóricas fortemente influenciadas pela cultura, encontra-se o denominado “mito do amor materno”: a crença largamente difundida de que os sentimentos em relação ao filho são exclusivos e inatos, fazendo parte da natureza humana. O mito de que o amor pelo filho é um sentimento inerente à

condição feminina, aparentemente, foi uma forma de a sociedade compensar a desvalorização da mulher, em particular pela sua dedicação exclusiva ao trabalho doméstico. Dessa forma, nega-se que o amor materno, assim como o paterno, é conquistado no convívio com a criança, podendo variar de acordo com as condições materiais, físicas e emocionais dos pais, passíveis de identificações de parte a parte. Atribuir ao amor materno uma condição inata impõe à mulher que não deseja ter filhos um sentimento de culpa muito grande, além da desvalorização do meio familiar e social, nos quais essa opção se caracteriza como uma demonstração de desamor, restringindo, em muitos casos, o reconhecimento de suas capacidades para cuidar de crianças em áreas tão importantes quanto o ensino, a medicina e o serviço social (Costa, 2007, 2017).

Por muito tempo perdurou a convicção implicada na máxima *Mater semper certa est, pater nunquam* (Sempre há certeza sobre quem é mãe; quanto ao pai, nunca). Não obstante, nos últimos anos, avanços da ciência, como a determinação do DNA e os métodos de reprodução humana, revelaram novas configurações familiares, com articulações inéditas entre consanguinidade, filiação e parentesco. Ao mesmo tempo, modificaram-se radicalmente as posições tanto da mulher quanto do homem no que diz respeito às funções maternas e paternas, levando-nos a considerar algo há alguns anos impensável: o desejo de filho do homem em pé de igualdade com o culturalmente naturalizado desejo de filho da mulher (Alkolombre, 2017).

É sabido que não podemos atribuir à janela a paisagem que ela nos proporciona. No entanto, no que diz respeito à maternidade e à paternidade, parece que sempre se contraria essa evidência ao relacionar as funções chamadas “maternas” e “paternas” ao sexo anatômico “feminino” e “masculino” dos pais, sem definir exatamente quais são essas funções e, muito menos, sem levar em consideração a estrutura sexual interna dos cônjuges, que Lander (2010) denominou de “essência do gênero”, relacionada com o inconsciente freudiano.

As novas configurações familiares biparentais, resultantes de relacionamentos hetero, homo e transexuais, ou monoparentais, femininas e masculinas, além das estabelecidas nessas duas situações mediante procedimentos de reprodução assistida, com a utilização de gametas doados e aluguel de barriga, põem em dúvida certezas e despertam, em um grande número de indivíduos, reações radicais. De outra parte, observa-se uma crescente aceitação e visibilidade desses novos arranjos tanto da sexualidade quanto das famílias que deles resultam. Isso impõe à psicanálise, como sugere Glocer Fiorini (2017), a tarefa de refletir sobre o impacto desses diferentes modos de organização familiar nos processos de subjetivação de seus membros, evitando tanto os moralismos maniqueístas quanto os posicionamentos complacentes e acrílicos. Além disso, a autora propõe uma

discussão sobre a seguinte questão: as crianças criadas por essas diversidades de sexo e de gênero estariam, necessariamente, alijadas dos processos de subjetivação simbólica e inserção num universo de laços sociais?

Na verdade, temos o sexo, determinado pela anatomia, configurando o homem e a mulher; o gênero, caracterizando a masculinidade e a feminilidade, que possui uma base não exclusivamente orgânica; e, ainda, a escolha do objeto sexual, que poderá ser heterossexual, homossexual ou bissexual. Dessa forma, um indivíduo pode ser identificado como homem ao nascer, de acordo com os seus genitais; desenvolver, pela sua conduta e interesses, um gênero feminino e fazer uma escolha objetual homossexual ou heterossexual, de acordo com o seu gênero e o gênero do seu parceiro. Acentuou Freud, em *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher* (1920/1976a), que os caracteres sexuais somáticos (homem/mulher) podem não coincidir com os caracteres sexuais psíquicos (ou seja, o gênero, um conceito que ainda não existia). Para exemplificar, ele refere que pode haver um indivíduo anatomicamente masculino, com grande virilidade, que efetue uma eleição homossexual de objeto.

A Grécia antiga, cuja mitologia nos presenteou com a metáfora mais emblemática da psicanálise, a senda edípica, tem também muito a contribuir com sua cultura, em particular a forma como encarava e lidava com a sexualidade. Convém lembrar que não havia naquele tempo substantivos para designar um homossexual ou um heterossexual, tendo em vista que todos os indivíduos do sexo masculino em diferentes épocas de suas vidas expressavam amor e desejo sexual por homens e mulheres, sem que tal conduta gerasse algum tipo de conflito pessoal ou social<sup>2</sup>. Não obstante, os relacionamentos homossexuais obedeciam a algumas regras quanto à idade de ambos, geralmente um homem maduro e um púbere.

Essa tradição se estendeu pelo Império Romano, onde a bissexualidade continuou sendo uma prática normativa, tanto que, com exclusão de Cláudio, os quinze primeiros imperadores romanos mantiveram relacionamentos homo e heterossexuais. As mudanças foram ocorrendo em consonância com a difusão da moral judaico-cristã a partir do período medieval, mas não de forma definitiva. Sempre houve idas e vindas nas questões relacionadas à homossexualidade. Em pleno renascimento italiano, as principais figuras artísticas e intelectuais mantinham uma aberta conduta bissexual. O pintor Giovanni Antonio Bazzi, por exemplo, apelidado de “Il Sodoma” por seus relacionamentos amorosos e sexuais, desfrutava de grande prestígio em Siena, Milão e Florença e recebeu

---

<sup>2</sup> A palavra “homossexualidade” apareceu em 1869, e palavra “heterossexualidade” em 1890 (Quignard, 1994/2005, p. 14).

encomendas papais para o Palácio do Vaticano e um título honorário do Papa Leão X. Ainda durante a Renascença, a Inglaterra foi palco da primeira subcultura homossexual publicamente aberta, semelhante a certos aspectos da cultura “gay” dos dias de hoje, tornando-se famosas as *molli houses* de Londres, tavernas em que os homossexuais se reuniam para beber, cantar e dançar. Depois de alguns anos, esses locais foram proibidos de funcionar, voltando a serem abertos passado um tempo e novamente fechados, de forma a configurar ciclos de tolerância e obscuridade que se sucedem na sociedade com relação à homossexualidade (Liebert, 1986/1989).

O que provavelmente tenhamos que reconhecer é que existem inumeráveis caminhos potenciais pelos quais a corrente libidinal bissexual universal busca encontrar satisfação e integrar-se à organização psicosssexual do indivíduo, o que aparentemente se observa ocorrer com mais facilidade na mulher, e que esses impulsos são responsáveis tanto pelo sofrimento neurótico quanto pelo enriquecimento psíquico. Nessa linha, adverte McDougall (1999):

O substrato bissexual dos seres humanos serve não somente para enriquecer e estabelecer os relacionamentos amorosos e sociais como também fornece um dos elementos aptos a estimular a atividade criativa – embora precise ser admitido que esta mesma dimensão pode ser fonte de bloqueios criativos se os desejos bissexuais inconscientes forem fonte de conflito ou interdição. (p. 17)

Assim, qualquer forma de predileção sexual somente deve ser considerada um problema clínico em busca de solução se for motivo de conflito e sofrimento psíquico, e somente devem ser consideradas perversas as atividades sexuais que não levam em consideração as necessidades e os desejos do parceiro. Do ponto de vista da teoria psicanalítica, precisamos ter presente, como asseveram McDougall (1999), Glocer Fiorini (2015, 2017) e Costa (2017, 2019a), que a primazia fálica tem o seu ponto de apoio na saída normativa do Édipo tanto para meninos quanto para meninas, a qual se choca dentro da obra freudiana com a bissexualidade inata e com o polimorfismo da sexualidade infantil.

Na verdade, é o Édipo completo, positivo e negativo, que responde com mais precisão à complexidade dos processos de subjetivação sexuada. A castração, ou seja, a castração simbólica – como acentuou Lacan – é uma referência à incompletude do ser humano, portanto, aplicável a ambos os sexos e representa uma forma de inserção no mundo simbólico. Na fase edípica, nas suas dimensões homo e heterossexual, as crianças se veem frente a múltiplas frustrações e sonhos impossíveis: em particular, o desejo de pertencer a ambos os sexos e possuir os genitais tanto mãe quanto do pai, obtendo com ele todos prazeres imagináveis, configurando a triádica cena primária.

Os sentimentos de inferioridade do homem, resultantes de sua incapacidade de gerar e criar bebês e do medo de ser engolfado pela mulher no ato sexual, fizeram com que, defensivamente, criasse o mito da fortaleza masculina, responsável por uma cultura em que a mulher, além de desvalorizada, é maltratada e vítima de violência. Faz-se, portanto, necessário não apenas revelar o que de certa forma é negado pela teoria psicanalítica clássica, mas também opor-se a uma aceitação incondicional de supostos básicos considerados imutáveis e caminhar na direção de uma desconstrução dos códigos simbólicos que ordenam os laços afetivos de uma sociedade hegemonicamente falocêntrica. Em outras palavras, compete à psicanálise contemporânea abordar o amplo espectro de subjetividades que não se encontram cabidas na lógica binária estrita da diferença sexual homologada nos dualismos fálico-castrado e masculino-feminino, lembrando que os enunciados *sou homem* e *sou uma mulher* não correspondem, necessária e linearmente, a *desejo uma mulher* e *desejo um homem*. A questão principal já não é mais a diferença, mas a alteridade nas relações sexuais e amorosas.

### **What does man want? A reflection on the male in the contemporary world**

**Abstract:** The article aims to deconstruct the idea of a supposed male superiority conceived by the Freudian theory of sexuality, through the evidence, provided by the clinic, of fantasies that men feel compelled by culture to conceal. These fantasies, in addition to confirming the polymorphism of child sexuality, reveal that just as women envy masculine capacities and would like to take their place, so men envy feminine capacities and also would like to take their place. Today, the main issue is no longer difference, but alterity.

**Keywords:** Contemporary world. Freudian theory of sexuality. Male-female binomial. Male sexual fantasies.

### **Referências**

Alizade, A. M. (1994). El hombre y su roca viva: Rehusarse a la femineidad. In M. Lemlij (Ed.), *Mujeres por mujeres* (pp. 182-193). Lima: Biblioteca Peruana de Psicoanálisis.

Alizade, A. M. (1998). Para pensar la masculinidad. *Actualidad Psicológica*, 23(253), 25-26.

Alkolombre, P. (2017). Paternidades contemporâneas: Desejo de filho no homem e técnicas reprodutivas. In C. S. Holovko, & C. M. Cortezzi (Orgs.), *Sexualidades e gênero*. São Paulo: Blucher.

- André, J. (2019). *As desordens da vida*. Porto Alegre: Editora Sulina
- Bourdieu, P. (1999). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. (Trabalho original publicado em 1998)
- Costa, G. P. (2006a). Sua majestade, o sogro. In *Conflitos da vida real*. Porto Alegre: Artmed.
- Costa, G. P. (2006b). Medo diante da mulher. In *Conflitos da vida real*. Porto Alegre: Artmed.
- Costa, G. P. (2007). Amor materno: Mito e realidade. In *O amor e seus labirintos*. Porto Alegre: Artmed.
- Costa, G. P. (2017). Considerações psicanalíticas sobre sexualidade e gênero. In C. S. Holovko, & C. M. Cortezzi (Orgs.), *Sexualidades e gênero*. São Paulo: Blucher.
- Costa, G. P. (2019a). A heterossexualidade normativa e a impetuosidade do desejo. *Psicanálise – Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*, 21(1), 24-41.
- Costa, G. P. (2019b). The diversity is the destiny. In P. Montagna, & A. Harris (Eds.), *Psychoanalysis, law and society*. New York: Routledge.
- Costa, G., & Katz, G. (1983). O desejo do menino de gerar e cuidar bebês: Uma contribuição ao tema da identidade paterna. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 5(1), 20-24.
- Daquino, M. (2016). Trans, entre sexo e gênero. In M. Daquino (Org.), *A diferença sexual: Gênero e psicanálise*. São Paulo: Agente Publicações.
- Erikson, K. (1964). Notes on the sociology of deviance. In H. Becker (Org.), *The other side: Perspectives on deviance*. Nova York: The Free Press.
- Fogel, G. I. (1989). Introdução: Ser homem. In G. I. Fogel, F. M. Lane, & R. S. Liebert, (Orgs.), *Psicologia masculina: Novas perspectivas psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1986)
- Freud, S. (1975). Análise terminável e interminável. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 23). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937)

Freud, S. (1976a). A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920)

Freud, S. (1976b). O ego e o id. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)

Freud, S. (1976c). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica dos sexos. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925)

Freud, S. (1984). *Cartas a la novia*. Barcelona: Tusquets. (Trabalho original publicado em 1963)

Gay, P. (1989). *Freud: Uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1988)

Gloer Fiorini, L. (2015). *La diferencia sexual en debate: cuerpos, deseos y ficciones*. Buenos Aires: Lugar Editorial.

Gloer Fiorini, L. (2017). Novas configurações familiares: Funções materna e paterna. In C. S. Holovko, & C. M. Cortezzi (Orgs.), *Sexualidades e gênero*. São Paulo: Blucher.

Jacobson, E. (1950). Development of the wish for a child in boys. *The psychoanalytic study of the child*, 5(1), 139-152.

Klein, M. (1957). Envidia y gratitud. In *Obras completas de Melanie Klein* (Vol. 6). Buenos Aires: Paidós.

Lander, R. (2010). La masculinidad cuestionada. *Trópicos*, 18(1), 43-56.

Liebert, R. S. (1989). A história da homossexualidade masculina na Grécia antiga até a Renascença: Implicações para a teoria psicanalítica. In G. I. Fogel, F. M. Lane, & R. S. Liebert, (Orgs.), *Psicologia masculina: Novas perspectivas psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1986)

McDougall, J. (1999). Teoria sexual e psicanálise. In P. R. Ceccarelli (Org.), *Diferenças sexuais*. São Paulo: Escuta.

Morin, E., Motta, R. & Ciurana, E-R. (1996). *Educar para a era planetária: O pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humanos*. Lisboa: Instituto Piaget. (Trabalho original publicado em 1990)

Quignard, P. (2005). *El sexo y el espanto*. Buenos Aires: El Cuento del Plata. (Trabalho original publicado em 1994)

Ross, J. M. (1975). He development of parental identity: a critical review of the literature on burturance and generality in boys and men. *American Psychoanalytic Association*, 23(4), 783-817.

Ross, J. M. (1977). Towards fatherhood: The epigenesis of paternal identity during a boy's first decade, *International Review of Psycho-Analysis*, 4(3), 327-347

Stoller, R. (1974). *Sex and gender*. New York: Jason Aronson. (Trabalho original publicado em 1968)

Szyf, M. (2016, julho). *How early life experience is written into DNA*. [Vídeo]. [https://www.ted.com/talks/moshe\\_szyf\\_how\\_early\\_life\\_experience\\_is\\_written\\_into\\_dna](https://www.ted.com/talks/moshe_szyf_how_early_life_experience_is_written_into_dna)

Van Der Leeuw, P. J. (1966). La fase pre-edípica del varón. *Revista de Psicoanálisis*, 23(1), 1-21. (Trabalho original publicado em 1958)

Varella, D. (2015, 14 de novembro). Homossexualidade e DNA. *Folha de São Paulo*. <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/drauziovarella/2015/11/1706113-homossexualidade-e-dna.shtml>

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA  
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 27/05/2021

Aceito em: 02/08/2021

Gley P. Costa  
Rua Mariante, 288 / 1308  
90430-180 – Porto Alegre, RS  
E-mail: gley@terra.com.br